



Redacção: **Tim-Tim** (laranja) email: timtim_milu@hotmail.com **Nico** (verde) email: amslewinski@net.vodafone.pt
Morada: **Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras** Fax: 214 213 156 www.dorey.pt
Distribuição: **Luisa Loureiro** (laranja) email: mlloureiro@jmellors.pt Paginação e imagem: **Bruno d'Orey Slewinski** (verde)
A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial.
Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

O Avô Nuno d'Orey

por Vasco Cabral

Gostei muito de ver revisitada pela Bedina, com grande respeito e com o afecto que ela sempre lhe retribuiu, a figura de Nuno Jara de Albuquerque d'Orey, tão difícil de abordar mas ao mesmo tempo tão cativante, que ainda em vida se foi esfumando com o passar dos anos.

A crescente dificuldade em movimentar-se com autonomia deixou-o, desde a década de 70, mais e mais confinado à sua própria casa, constante anfitrião de muitos netos e bisnetos, das filhas e ainda de primas e sobrinhas que o eram também de sua Mulher a quem assiduamente vinham visitar. Como marido da sua neta mais velha tratava-o um pouco como avô mas como amigo também. Com essa espécie de parentesco que a ele me ligou gostaria de poder juntar umas palavras de evocação ao que li na Gazeta nº20.

Era um homem de cultura que durante a sua vida juntou uma grande e excelente biblioteca que mantinha escrupulosamente encadernada, organizada e exposta, com colecções de autor, que lera e ainda consultava, e também uma imensa discoteca que era por fim a mais genuína fonte de prazer e a sua mais assídua companhia. Convivera com Teixeira de Pascoais, com o arquitecto Carlos Ramos de quem era amigo e com figuras proeminentes da música em Portugal e fora. Era respeitado e tratado com a maior simpatia por eles, fui disso testemunha em diversas ocasiões.

Do convívio que lhe era de algum modo imposto e cujo palco era uma pequena saleta de estar da casa da Travessa do Pinheiro onde habitualmente passavam o dia e se ouvia música, resultava uma inevitável cacofonia de conversas cruzadas que comprometia a audição atenta de qualquer das peças musicais por que acabara de se apaixonar e ouvia iterativamente, fosse ela de Liszt, Berlioz ou porventura extraída da obra de câmara de Gabriel Fauré, inexplicavelmente pouco conhecida e de que me tornei, muito graças a ele, também um entusiástico admirador e cultor. Já ouvia com dificuldade e tentava abrir um caminho de evasão por entre as conversas que lhe soavam fúteis, subindo o volume na aparelhagem de som e concentrando-se sem cerimónia nesse resultado. Não tardava ser descoberto e era então vivamente instado a baixar a intensidade porque de facto

era impossível conversar. Era um jogo perdido porque, com a sua esmerada educação, acabava invariavelmente por se resignar com tristeza a um quase silêncio na sua própria casa.

Depois de enviuvar, e durante alguns anos ainda, íamos regularmente jantar com ele às quintas-feiras. Era então já muito menos visitado. A Bedina não deixara de ser a 'santíssima' e nunca saíamos antes da uma ou duas da manhã. Acabado o jantar durante o qual a Hilda, a velha criada, tentava invariavelmente forçar-lhe o apetite compondo-lhe o prato para além do razoável, o que tinha o condão de o exasperar, e depois de desaparecida de vez pela porta do corredor, esfregava então as mãos, como que a aquecê-las com o ar mais aliviado e feliz deste mundo, perguntava-nos sempre: 'Então que vamos ouvir agora?'

Sabíamos que estava a pensar numa ópera de Massenet, Berlioz, Bizet ou Saint-Saëns, algum Mozart, ou numa grande obra religiosa coral sinfónica que era certo que acabaríamos por ouvir completa nessa noite mas sugeríamos sempre alguma música instrumental para começar. Ele acedia até porque gostava e tinha quase sempre várias interpretações entre que escolher a que ainda acrescentava depois peças pouco conhecidas de Liszt de quem tinha em vinil a integral das obras para piano.

Com a casa só para nós, fazia então ouvir a música tão alto que francamente receávamos pelos vizinhos. Via de regra aí pela meia noite a Hilda vinha dizer que o dr. Alves Machado que morava por cima mandava perguntar se o senhor d'Orey não se importaria de pôr a música só um bocadinho mais baixo. Mas passados nem dez minutos o pedido estava definitivamente esquecido e de novo o tínhamos, completamente empolgado, a tentar cantar trechos especialmente emocionantes com grandes acentuações ou a recitar versos inteiros que sabia de cor, acompanhado por Colin Davis, Karajan ou Otto Klemperer à frente de uma grande orquestra.

Tínhamos numerosas afinidades e as nossas cavaqueiras eram intermináveis: em casa, nas festas, onde calhasse. De pé e de copo na mão, comendo quase nada, deixava-

me admirado a sua resistência à fadiga da posição e o seu entusiasmo na conversa que geralmente decorria com o interlocutor encostado a uma parede para não fugir. E essa resistência era garantidamente maior do que a minha. Mas sabia ser um charmeur. Quando nos reencontrámos em Lisboa, por ocasião de uma estadia de dois meses que antecedeu a nossa partida para a Bélgica, em 1966, convidámo-lo para vir conosco fazer música a casa de uns grandes amigos nossos. Lá fomos e tocámos algumas sonatas de Bach para flauta transversa que acompanhei ao piano, um Steinway de cauda. Também tocámos pequenas peças de Mozart e até algum Francis Poulenc. As peças eram adoráveis e ele não escondeu o seu vivo prazer. Foi caloroso, animado e conhecedor, sempre com imensa elegância e *savoir-faire*, ao mesmo tempo tão natural e espontâneo que este casal nosso amigo ficou absolutamente rendido. Uma recordação que todos guardámos com ternura.

Querer compreender as suas preferências e inclinações no mapa das tendências culturais geralmente uniformes da família d'Orey nesta segunda geração nascida em Portugal que era a sua, impõe um exercício de interpretação de indícios que poderá arriscar a especulação. Não sei exactamente como decorreu a sua formação. Não terá tido grandes oportunidades de escolher um rumo na teia de decisões delineada pelo pai e talvez até pressionada pelos irmãos, todos mais velhos. Houve, por isso, muito de autodidatismo no seu percurso. Sei por ele próprio que aprendeu o que era necessário para participar nas actividades profissionais da família e certamente não terá sido muito mais. Mas pude constatar como dominava bem o que tinha estudado, a matemática e a geometria, história, geografia e a língua e cultura portuguesa. Da língua alemã impressionou-me observar que não falhava uma única declinação, que pronunciava excelentemente e era fluente. Falava francês com extrema elegância. Isso foi particularmente claro em Paris onde estivemos com os avós e com a tia Mariechen uns dias no Outono de 68. Sei pela minha sogra, sua filha, que dominava perfeitamente o inglês que por patriotismo se recusava a falar, do mesmo modo que nunca tocava em whiskey.

No entanto não gostava demais do mundo cultural alemão. Antes da guerra frequentava com a família as temporadas de ópera em Budapeste (raramente em Viena). Wagner era ouvido sem excessivo entusiasmo e sem que alguma vez tivesse ido a Bayreuth para ouvi-lo. Era Liszt que o fascinava (a sua personalidade, a sua vida, os seus poemas sinfónicos, as suas obras de inspiração religiosa particularmente). Tal como ele, era um homem sem uma naturalidade cultural definida e assumida. O seu coração batia-lhe com mais força ao apelo da cultura

francesa. Também se sentia tocado pela hispanidade e a sua funda aversão pelo bolchevismo levou-o a uma espécie de blackout estritamente observado em relação a tudo o que fosse russo, sobretudo se dado em espectáculo. Só lhe ouvi, com espanto, dizer que tolerava Alexander Scriabine. A razão de ser deste secreto index cultural era afinal a de não querer contribuir para a glorificação da Rússia, então centro do bolchevismo mundial. E assim deixou de fora da sua discoteca, entre tantos outros, Mussorgsky, Rachmaninof, que até se exilou pouco depois da revolução de Outubro, Tchaikovsky, para não falar já de Stravinsky ou Prokofief que abominava.

Era uma personalidade singular. Gostando imenso da sua família próxima e alargada, não o empolgava o apelo das raízes alemãs da sua varonia. Mas o próprio Guilherme Heitor Achilles não balançou, na sua juventude, ele também, entre esses dois mundos? Não é menos certo que nem todos os seus filhos foram expostos da mesma maneira à aculturação intensa numa formação académica na Alemanha. Mas este seu neto resistiu no seu íntimo às pressões que se exerceram nesse sentido, diferentemente do que terá acontecido com os seus irmãos ou com muitos dos seus primos e, tal como antes acontecera, com o pai e vários tios. Era também muito português no seu patriotismo; mas sendo monárquico, adepto do Integralismo Lusitano, detestava a arrogância e a sobrançeria com que entre nós alguma nobreza se fazia muitas vezes prevalecer dos seus privilégios de berço. Disse-mo por diversas vezes com ênfase.

Também o mundo dos seres elementares, não civilizados e sem maturidade nem adulez lhe criava desconforto. Nunca quis ir a África quando lá estivemos, estou certo que por alguma ideia antiga que se fizera dessas terras distantes e das suas gentes. Também não se comprazia no convívio com crianças. Mas aí era claro que aceitava das netas o que dificilmente suportava nos netos, pelo menos até à idade adulta.

Era uma personalidade se não paradoxal por certo complexa. Pessoalmente lamento como algo de injusto o desconhecimento, o desinteresse e a incompreensão a que tem sido votada a sua memória, sempre ocultada, e por fim a evanescer na sombra da personalidade forte, estável e securizante, muito mais pragmática e transparente da avó Luz.